

ESPAÇOS DE RESSIGNIFICAÇÃO DA IDENTIDADE ITALIANA NA PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS

Mariana Eliane Teixeira
Universidade Federal de Juiz de Fora
Mestranda em História
marianaufsj@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é pensar quais os espaços de redefinição da identidade étnica dos imigrantes italianos, no Brasil de final do século XIX e início do século XX. Para atender tal objetivo proposto utilizamos uma bibliografia referente ao assunto e escolhemos dois processos criminais envolvendo imigrantes italianos, para assim mostrarmos como as constantes estratégias de inserção social por parte destes indivíduos, redefiniam suas identidades fora de suas comunidades de origem. Outro aspecto que queremos destacar também é que, por meio dos autos criminais analisados, percebemos que a Justiça, ao mediar o conflito, se apresentou como mais um espaço de redefinição da identidade dos indivíduos italianos, na medida em que ela realçava as fronteiras entre os envolvidos, corroborando assim para o surgimento de uma identidade italiana no Brasil.

Palavras-chave: identidade; imigrantes italianos; conflito

INTRODUÇÃO

A abertura da História às Ciências Humanas, principalmente às Ciências Sociais trouxe incontáveis ganhos às pesquisas na área de História. Por meio dessa interdisciplinaridade, as ciências sociais conferiram à história seus métodos de pesquisa, ampliando as fontes de construção do saber histórico, além de abrir o leque de objetos a serem estudados. A compreensão da presença estrangeira no Brasil no final do século XIX é um dos temas que muito se beneficiou dessa abertura às ciências sociais, principalmente quando nossa pretensão é entender os aspectos étnicos dos imigrantes no Brasil.

No final do século XIX e início do século XX, o Brasil vivenciou o processo de constituição do trabalho assalariado como parte do contexto de afirmação das relações capitalistas no país. A vinda de imigrantes em massa para o país, nesse contexto, foi uma alternativa pensada, a fim de que, a transformação das relações de produção baseadas no escravismo, se desse sem maiores prejuízos para a grande lavoura de exportação.

Várias foram as nacionalidades dos imigrantes que vieram para o Brasil neste período. Portugueses, espanhóis, alemães, chineses, japoneses e principalmente italianos. Para se ter uma idéia, o Brasil foi o sexto país do mundo que mais recebeu italianos dentro do período de 1870 e 1970.¹

A província de São Paulo, em virtude da expansão da lavoura cafeeira, recebeu a maior parte destes imigrantes. Já Minas Gerais, por apresentar um histórico econômico bastante diferente da província paulista, não sentiu com tanta urgência a necessidade de importar estrangeiros como mão-de-obra e somente no final da década de 1880, a província passou a fazer parte efetivamente dos debates políticos em torno da vinda de imigrantes, construindo hospedarias em algumas cidades para facilitar a entrada dos

estrangeiros que aqui chegavam, como nos demonstrou Norma de Góes Monteiro (Monteiro, 1994: p. 16). Várias famílias de colonos italianos espalharam-se por algumas regiões mineiras deixando grande influência e motivando o interesse de alguns pesquisadores em entender o fenômeno da imigração em Minas Gerais.

Os principais trabalhos que se voltam ao estudo desta temática para Minas preocupam-se com os aspectos políticos e econômicos da imigração, utilizando os relatórios provinciais e municipais e os registros de entrada dos imigrantes nas hospedarias como fontes de pesquisa. Ou seja, são trabalhos importantes que priorizam toda a arquitetura política para compreender a chegada e o estabelecimento dos colonos em Minas.

Contudo, o atual momento historiográfico que vivenciamos de questionamento das macro-análises, em prol de uma diminuição da escala de observação dos fenômenos históricos, e conseqüentemente o surgimento de novos atores sociais, nos faz querer compreender outros aspectos da presença italiana em Minas Gerais, sem

ficarmos reduzidos apenas ao seu âmbito político (Revel, 1992).

Assim, nossa pretensão com este trabalho é propor caminhos para se pensar como se deu o processo de reconstrução de uma identidade italiana no território de Minas Gerais. Acreditamos que, a experiência de cruzar o Atlântico, trazendo consigo a expectativa de ter uma vida melhor fora do país de origem, somada a outros fatores internos, tais como o ambiente de trabalho nas fazendas e nas fábricas, as Associações Italianas de Mútuo Socorro, as festas religiosas e a própria vivência cotidiana de constante inserção social, produziu e redefiniu a identidade destes indivíduos.

Como ponto de partida para pensarmos a respeito dos mecanismos de reconstrução da identidade italiana em Minas Gerais, utilizamos dois processos criminais envolvendo imigrantes italianos de duas cidades mineiras - Oliveira e Conselheiro Lafaiete, além da utilização de uma bibliografia de cunho antropológico para melhor compreensão desses processos.

Primeiramente, abordaremos algumas questões relacionadas à identidade italiana no contexto da

emigração de italianos pelo mundo, mostrando os trajetos desta identidade no Brasil, e quais os espaços de sustentação e reconstrução da mesma. Por último, por meio de dois processos criminais concernentes ao período, mostraremos como o aparelho de Justiça, ao mediar o conflito, podia ser mais um dos espaços de ressignificação dessa Identidade Italiana.

A IDENTIDADE ITALIANA NO CONTEXTO DA EMIGRAÇÃO

Como já dissemos, o ponto inicial para pensarmos sobre os mecanismos de formação da identidade dos imigrantes italianos em comunidades exteriores será dois processos criminais de cidades do interior de Minas Gerais. Os acervos judiciais têm sido frequentemente utilizados pela historiografia, na medida em que, oferecem a possibilidade de extrair análises variadas de grupos sociais diversos, que ao longo dos anos recorreram à justiça e deixaram suas diferentes versões da realidade. Ao usarmos os autos da justiça como fonte de pesquisa, temos total consciência de suas limitações e falhas. As autoridades judiciais, diante dos trâmites do processo, têm toda condição de filtrar e

falsear as informações e quanto mais adiantado o inquérito, mais distante fica a verdade da reconstrução do conflito.

Todavia, a verdade que buscamos ao analisar os autos criminais não está circunscrita apenas ao veredicto de juízes e às transcrições do escrivão. Como bem descreveu Sidney Chalhoub, *o importante é estar atento às “coisas” que se repetem sistematicamente: versões que se reproduzem muitas vezes, aspectos que ficam mal escondidos, mentiras ou contradições que aparecem com frequência* (Chalhoub, 2001: p. 41). Ou seja, a construção do conhecimento de maneira holística dá lugar ao conhecimento adquirido pelas estratégias de inserção social de indivíduos isolados.

Ao lermos os processos criminais de algumas cidades mineiras como Oliveira, Conselheiro Lafaiete e São João Del Rei nos deparamos, em alguns casos, com a solidariedade existente entre os imigrantes, quando algum deles se envolvia em determinado conflito. Sidney Chalhoub, citado há pouco no texto, ao analisar os conflitos entre trabalhadores na primeira década do século XX no Rio de Janeiro, menciona que

os processos que relatam conflitos entre imigrantes mostram as redes íntimas de solidariedade e ajuda mútua que estes imigrantes teciam entre si. (...) apesar de a documentação analisada ser especializada em violência, o que mais ressalta no conjunto é o caráter predominantemente solidário das relações entre imigrantes de mesma nacionalidade (Ibid, 2001: p. 104).

Esta solidariedade que se faz perceber pelos autos criminais tanto no Rio de Janeiro quanto em Minas Gerais, provoca em nós alguns questionamentos. O que faria estes italianos se associarem para defender um patrício ao longo dos trâmites judiciais, ou mesmo se juntarem para cometer algum crime? A explicação pode ser dada à identidade nacional desses indivíduos, pelo fato de serem provenientes do mesmo país, ou ao fato de todos serem imigrantes e estarem vivendo experiências comuns do outro lado do Atlântico?

No que tangencia à Identidade Nacional, poderíamos pensar prontamente que, o fato dos italianos serem provenientes da mesma península conferiria a eles coesão suficiente, para

que, aqui no Brasil, todos pudessem se identificar como provenientes de um mesmo país. Porém, é bastante improvável que isto tenha acontecido com os italianos neste contexto de emigração.

No início da década de 1860 a península itálica se unificou, surgindo assim a Nação Italiana. Após sua unificação, iniciou-se todo um processo de criação da nacionalidade italiana; criou-se primeiro o Estado e conseqüentemente todos os mecanismos para se forjar uma identidade nacional, mecanismos esses tão característicos da nação moderna do século XIX (Hobsbawn, 1990).

João Fábio Bertonha, no trabalho intitulado “*Os Italianos*”, ao traçar o panorama da unificação da península italiana e as dificuldades encontradas para se formar uma identidade italiana, afirmou que

Os camponeses e outros extratos inferiores da sociedade não apenas haviam participado relativamente pouco das lutas pela unificação do país, como não se sentiam italianos, mas toscanos, vênnetos ou sicilianos. Sua consciência de grupo não ia muito além dos limites restritos do território em que viviam, o que punha obstáculos à idéia de uma consciência nacional única, em especial na nova versão de nacionalismo que triunfava no final do século XIX e que demandava unidade lingüística e cultural. (...) Mais do que uma Itália nesse século XIX, é mais correto falar em várias Itálias, conforme as regiões e os grupos sociais (Bertonha, 2005: p. 56).

A obra de Bertonha nos dá dimensão do quanto essas diferenças regionais eram grandes e constituíram, a princípio, num obstáculo para a formação da nacionalidade italiana. Entre a unificação da península que se deu na década de 1860, e a primeira guerra mundial, o governo italiano viveu um esforço imenso para que, “*os diferentes povos da Itália se sentissem realmente italianos*” (Ibid, 2005: p. 60). Em outro ponto do texto, J. F. Bertonha nos mostra que, mesmo no contexto da grande emigração, os “italianos”

compartilhavam mais de uma identidade regional, do que nacional.

Não espanta, assim, que boa parte das estratégias emigratórias dos italianos durante esse longo processo que foi a emigração em massa tenha se baseado em aldeias e regiões e não, necessariamente, no país Itália, o que leva muitos pesquisadores a questionarem se, mesmo depois da unificação italiana, havia de modo efetivo uma emigração de italianos propriamente ditos (Ibid, 2005: p. 94).

Ao lermos os interrogatórios, depoimentos e autos de qualificação de alguns processos criminais de Minas Gerais, percebemos a dimensão desta identidade regional, principalmente quando os envolvidos são provenientes da Calábria. Já em outros processos, podemos perceber que os imigrantes se afirmavam como italianos, e em nenhum momento deixam transparecer seus regionalismos.

Diante desta identidade nacional que está sendo forjada na Itália no contexto da emigração, cabe a nós pensar como se deu este processo entre os imigrantes aqui no Brasil. Quais os referenciais que podem ser levados em consideração para entendermos a identidade italiana que se constrói e se

reconstrói em comunidades fora da Itália?

João Fábio Bertonha defende a hipótese de que, as identidades regionais entre imigrantes da península itálica, no Brasil, iam se diluindo e enfraquecendo *dada a força do movimento nacionalista que emanava da própria Itália e atingia as coletividades italianas do exterior e a formação de uma nova identidade étnica a partir da vivência dos imigrantes no novo mundo* (Ibid, 2005: p. 96). É plausível que a força do nacionalismo italiano tenha chegado às demais comunidades espalhadas pelo mundo em decorrência da emigração. Contudo, devemos dar maior atenção a esta identidade étnica que se constrói a partir da vivência no outro país. Continuamos com a questão formulada anteriormente: que fatores no Brasil contribuíram para a construção ou revitalização dos laços étnicos entre os italianos?

Existiram inúmeros espaços de revitalização destes laços étnicos. Como destacamos na introdução deste artigo, podemos mencionar as sociedades de mútuo socorro italianas espalhadas pelo Brasil, as festas religiosas, principalmente aquelas que devotavam

os santos italianos, o ambiente fabril que posteriormente se desdobra nos primeiros movimentos operários, tão característico desta época de surtos industriais no país, dentre outros inúmeros espaços.

A nossa pretensão no próximo tópico é mostrar quais fatores presentes no dia-a-dia destes indivíduos italianos, podiam fazer emergir questões étnicas. Neste intento de buscar a trajetória cotidiana destes indivíduos isoladamente, os processos criminais apresentam-se como uma importante fonte de pesquisa. Além do mais, a Justiça se revela em mais um espaço privilegiado, no sentido de que, ela evidencia o contraste étnico ao mediar os conflitos e resguarda em seus autos, as manifestações identitárias dos imigrantes da península itálica, fazendo-nos pensar em todas essas questões propostas ao longo do texto.

JUSTIÇA: UM ESPAÇO DE CONTRASTE ÉTNICO

Em plena tarde do dia 10 de maio de 1882, no pequeno arraial de Cláudio, pertencente à cidade de Oliveira, província de Minas Gerais, estava o italiano Francisco Del' Porto no estabelecimento do negociante

Bernardino José Vitoy, também italiano, quando chegou um indivíduo cujo nome era Nestor José do Valle, que de *tão embriagado trazia as roupas embebidas de água ardente dando pena às pessoas que lá se encontrava*. Diante desta situação, o italiano Francisco Del'porto, riscou um fósforo e jogou nas roupas de Nestor José do Valle. Pelo fato destas estarem encharcadas de cachaça, logo pegaram fogo causando graves ferimentos no ofendido. Devido a este ato cometido pelo italiano, o ofendido moveu um processo contra o mesmo, processo este que se encontra em meio à documentação crime pertencente à cidade de Oliveira².

No entanto, o processo não para por aí. Como vimos, o italiano Francisco Del' Porto viu-se envolvido em problemas com a justiça no Brasil ao ser acusado pelo crime de atentar contra a vida de Nestor José do Valle ateando-lhe fogo. O réu, diante dos trâmites judiciais tinha de indicar algumas testemunhas para que pudessem depor no decorrer do processo; estas testemunhas foram, portanto, todas de nacionalidade italiana. São elas, o dono do estabelecimento comercial Bernardino José Vitoy, um vizinho do

estabelecimento, Sebastião Pardim, cuja profissão era ser cortador de gado e uma mulher que supomos ser a esposa de Bernardino José Vitoy, cujo nome é Ana Floripes Vitoy, testemunha oferecida, mas que não pode comparecer por encontrar-se doente.

Dois aspectos ressaltam aos olhos quando lemos este processo. O primeiro deles, já mencionado anteriormente, é a solidariedade existente entre os imigrantes italianos e a mobilidade dos mesmos para livrar seu patrício Francisco D'el Porto do crime cometido. O outro aspecto importante é que, durante todos os interrogatórios e depoimentos deste processo, os imigrantes se definiram como italianos, quando perguntados sobre a nacionalidade, e todas as autoridades judiciais e as próprias testemunhas brasileiras, referiram-se ao réu como sendo italiano. Ou seja, em nenhum momento, neste caso, há qualquer referência a uma identidade regional desses imigrantes.

Um segundo crime ocorrido próximo à antiga cidade de Queluz³, alguns meses depois do caso de Francisco D'el Porto, mostra de maneira clara como as diferenças regionais entre os italianos eram desconsideradas diante

do contexto geral de imigração estrangeira no Brasil.

Eram onze horas da manhã do dia 28 de julho de 1882, quando Eduardo Gustavo Lebon, mais conhecido como Doutor Lebon foi roubado e assassinado com um tiro de espingarda nas imediações do quilômetro oito da estrada de ferro D. Pedro II, na saída do distrito do Carandaí, próximo à cidade de Queluz. Doutor Lebon era engenheiro de uma empreiteira que prestava serviços no prolongamento da estrada de ferro D. Pedro II e juntamente com o doutor Praxedes, vinha da corte para a região do Carandaí trazendo determinada quantia em dinheiro. O crime já estava premeditado há muitos dias e foi cometido por cinco italianos. Segundo as testemunhas, alguns deles trabalhavam para o Doutor Lebon na empreiteira juntamente com outros estrangeiros. Logo após assassinarem o engenheiro e lhe roubarem o dinheiro, a suposta quadrilha fugiu para Juiz de Fora a procura de trabalho. Os policiais conseguiram prender dois acusados, mas os demais continuaram foragidos. No decorrer do processo, as tentativas de busca dos réus continuavam e a descrição física dos italianos pode ser

encontrada nas palavras do delegado de polícia da cidade de Queluz:

Recomendo a captura de cinco italianos que no dia 28 de agosto de 1882 assassinaram, no lugar denominado Barro Preto, distrito do Carandaí, a Eduardo Gustavo Lebon, e são eles os seguintes:

- Francisco Arnaud, estatura regular, com 27 anos, imberbe, com pouco bigode ruivo, brinco pequeno de metal, cheio de corpo, olhos azuis, semblante fechado e fala descansada.
 - Miguel Arnaud, com estatura menos que regular, de 23 anos de idade, pálido, imberbe, olhos castanhos e cabelos ruivos.
 - Felipe Martello, alto, com 23 anos, imberbe, magro, olhos e cabelos castanhos.
 - Os outros dois, cujos nomes são desconhecidos, são morenos e têm barba preta e cheia.
- Todos trajavam roupa azul⁴.

O italiano Felipe Martelli juntamente com Salvador Rezzuti foram os réus que não conseguiram fugir e acabaram sendo presos pelos policiais. Ao serem interrogados nos autos do processo, descobrimos que o nome verdadeiro de Felipe Martelli era Francisco Jaccine e que tanto ele, quanto os demais companheiros, eram naturais de uma única região da Itália: a Calábria. Francisco Jaccine estava no

Brasil há apenas sete meses e veio para trabalhar na empreiteira, mas no último mês achava-se sem trabalho, quando se encontrou com os demais patrícios e juntou-se a eles no intuito de mudar-se para Juiz de Fora.

Ao contrário do primeiro crime, neste caso nós podemos verificar uma solidariedade regional para cometer o crime. Todos os réus eram da região da Calábria, sul da Itália, e possivelmente vieram se conhecer no Brasil, como nos atesta o interrogatório de Francisco Jaccine. Ao se conhecerem, perceberam as inúmeras afinidades que tinham, e dentre elas a de serem provenientes de um mesmo local. Ao se verem como diferentes em relação aos demais habitantes, nada mais comum do que se tornarem companheiros. Tamanho companheirismo levou os cinco italianos a se unirem, arquitetarem o crime durante vários dias e por fim assassinarem e roubarem o suposto patrão.

A associação entre imigrantes italianos provenientes da Calábria para cometerem algum tipo de crime não é desconhecida da historiografia brasileira. Karl Monsma já notou a atuação de uma quadrilha de calabreses, no oeste paulista, autora de vários

crimes (Monsma, Truzzi & Silvano da Conceição, 2003). No nosso caso, não sabemos ainda se houve outra atuação desses mesmos réus em terras mineiras, mas fica evidente que a associação, ou melhor, a solidariedade entre imigrantes provenientes de uma mesma região da Itália é algo conhecido no Brasil.

O outro aspecto neste processo que nos chama a atenção é que em todos os autos de qualificação e interrogatórios, quando as autoridades perguntam aos dois réus a respeito da

nacionalidade, a única resposta que se obtém é “natural da Calábria”. Todavia, no decorrer do processo e no dizer de todas as testemunhas, os cinco homens que assassinaram o doutor Lebon eram italianos. Em nenhum momento as autoridades envolvidas, e nem mesmo as demais testemunhas consideram a identidade regional calabresa dos assassinos. Para todos os efeitos eles eram italianos.

Analisemos o quadro de testemunhas:

QUADRO DAS TESTEMUNHAS

TESTEMUNHAS	NACIONALIDADE	OCUPAÇÃO	RELAÇÃO COM O CRIME
VICENTE FRONTEIRA	NATURAL DA GRÉCIA	TRABALHADOR DA ESTRADA DE FERRO	SABE POR OUVIR DIZER
AUGUSTO MONTEIRO	NATURAL DE PORTUGAL	TRABALHADOR DA ESTRADA DE FERRO	SABE POR TESTEMUNHAR INDÍCIOS DO CRIME
ANTÔNIO PINTO DO AMARAL RIBEIRO	NATURAL DE PORTUGAL	CARPINTEIRO	SABE POR TESTEMUNHAR INDÍCIOS DO CRIME
JOAQUIM DE ALMEIDA JÚNIOR	NATURAL DE PORTUGAL	PADEIRO	SABE POR TESTEMUNHAR INDÍCIOS DO CRIME
MANOEL LOPES DA SILVA BASTOS	NATURAL DE PORTUGAL	NEGOCIANTE	SABE POR TESTEMUNHAR INDÍCIOS DO CRIME
JOSÉ PRAXEDES RABELO BASTOS FILHO	NATURAL DO RIO DE JANEIRO	ENGENHEIRO	PRESENCIOU O CRIME
CUSTÓDIO JOSÉ FERREIRA	NATURAL DO RIO DE JANEIRO	NEGOCIANTE	SABE POR TESTEMUNHAR INDÍCIOS DO CRIME
VERGÍLIO CRISTIANO MACHADO	NATURAL DE SANTA CATARINA	NEGOCIANTE	SABE POR TESTEMUNHAR INDÍCIOS DO CRIME
ALFREDO AUGUSTO DE AZEVEDO	RIO GRANDE DO SUL	AGRIMENSOR	SABE POR OUVIR DIZER
JOÃO MANOEL DE MORAIS	NATURAL DE SÃO JOÃO DEL REI	LAVRADOR	SABE POR OUVIR DIZER
JOSÉ ANTÔNIO DA SILVEIRA	NATURAL DE BARBACENA	CARREIRO	SABE POR OUVIR DIZER
JOÃO	CRIOULO	ES CRAVO	SABE POR TESTEMUNHAR INDÍCIOS DO CRIME

Num total de doze, notamos que quatro testemunhas eram provenientes de Portugal, uma proveniente da Grécia, uma da província de Santa Catarina, uma do Rio Grande do Sul, duas do Rio de Janeiro e de Minas Gerais e uma última testemunha que era escrava. Podemos observar então, que nenhuma das pessoas que depõem sobre o crime é proveniente do local onde o mesmo aconteceu. Nem o escravo e nem as outras duas testemunhas, que são da província de Minas Gerais, são naturais da região de Queluz. O nosso quadro de depoimentos abarca pessoas de vários lugares de Minas, do Brasil e de duas nações diferentes, e todas elas, ao serem interrogadas pelas autoridades referem-se aos calabreses como sendo italianos, desconsiderando o regionalismo que eles manifestam no decorrer de todos os interrogatórios.

Tal realidade nos leva a refletir novamente a questão da fronteira estabelecida entre os diferentes grupos étnicos. Os réus, ao se autodenominarem provenientes da Calábria tinham dimensão da grande variedade de grupos existentes na

península itálica.⁵ Todavia, ao lermos este processo percebemos que, nem a justiça e nem as testemunhas do crime consideravam as diferenças regionais da península itálica para se referirem aos italianos. Diferentemente do primeiro crime, no qual os imigrantes se denominavam como italianos, percebemos neste segundo caso, que, os imigrantes comungavam muito mais de uma identidade regional do que nacional.

O que queremos chamar a atenção ao relatarmos sobre esses dois crimes acontecidos em Minas Gerais é que, o contato com outras etnias e as tentativas diárias de inserção social vão aos poucos diluindo o regionalismo entre estes imigrantes, e com o tempo eles passam a se ver como italianos. Os imigrantes do primeiro crime estavam no Brasil há mais tempo. Basta percebermos que todos eles tinham um estabelecimento comercial, coisa que não se adquire do dia para a noite. Já os calabreses do segundo crime estavam no Brasil há pouco tempo. Um dos réus que foi preso afirmou que estava aqui há apenas sete meses.

A leitura atenta desses processos nos leva a crer que, a vivência fora do país de origem fez com que a identidade nacional italiana se sobrepusesse à identidade regional, no caso específico de imigrantes italianos neste contexto de final do século XIX. Esta identidade nacional que se sobrepõe ao regionalismo da península em comunidades italianas do exterior é uma identidade diferente daquela que está sendo construída na Itália neste mesmo contexto, porque ela leva em consideração elementos que são específicos da tentativa constante de inserção social em um país diferente.

É uma identidade que se afirma em outros espaços – associações, ordens religiosas, reivindicações operárias, Justiça - diferente dos espaços italianos, e ela aciona símbolos para se auto definir, diferentes daqueles símbolos impostos pelo recente Estado Italiano.

Segundo Patrícia Furlanetto, no caso específico das Associações de Mútuo Socorro, muitos símbolos característicos do nacionalismo italiano eram utilizados por essas associações com o objetivo de preservar e difundir a tradição e os costumes da Itália, gerando assim a coesão entre os

indivíduos imigrantes que freqüentavam as mutuais (Furlanetto, 2007: p. 158).

Voltando aos processos, pode ser que os italianos do primeiro crime tenham chegado ao Brasil com resquícios do forte regionalismo da península itálica, mas aos poucos, a interação social com o país que os recebeu, fez com que esse regionalismo fosse se diluindo e enfraquecendo. Para compreendermos melhor este dinâmico processo de redefinição das identidades dos imigrantes italianos a partir do contato interétnico, consideremos algumas análises da Antropologia Cultural de viés Barthiano.

Segundo Denys Cuche, o antropólogo norueguês Fredrik Barth, trouxe importantes contribuições ao conceito de “Identidade” ao mostrar que “a construção das identidades se faz no interior de contextos sociais, que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e escolhas” (Cuche, 2002: p. 182).

Anteriormente, a antropologia considerava a identidade como sendo algo preexistente e que definia os indivíduos, fazendo assim, parte do processo de socialização dos mesmos. Com o passar do tempo, essas

considerações foram superadas pelo fato de apresentarem-se rígidas demais frente à dinamicidade que envolvia os fenômenos identitários. Diante disso, a identidade não era algo estático e imutável, e estava relacionada ao sentimento de vinculação ou identificação a uma coletividade imaginada. No entanto, ambas as concepções não eram capazes de explicar como em dados momentos a identidade podia ser afirmada, e em outros momentos podia ser reprimida.

Sendo assim, Fredrik Barth, ao desenvolver um primoroso trabalho de campo na região dos Pathans (fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão), mostrou que o fenômeno da identidade deve ser entendido através das relações entre os grupos sociais, ou seja, as situações de contato interétnico, característico das comunidades complexas podem contribuir para a manutenção das fronteiras étnicas dos indivíduos. Em linhas gerais, a identidade é entendida por esse autor como sendo um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas.

No caso dos italianos no Brasil, não podemos enquadrá-los como pertencentes a um único grupo étnico.

Em sua maioria, estes imigrantes foram pessoas que vieram de regiões diferentes da Itália possuindo tradições que não eram comuns a todos, mas quando chegaram ao Brasil e foram submetidos praticamente às mesmas oportunidades de trabalho e convivendo em locais próximos, além de outros inúmeros fatores, estes imigrantes começaram a perceber as semelhanças que existiam entre eles, construindo assim, aquilo que Fredrik Barth chama de fronteiras étnicas. O processo de construção e reconstrução de uma identidade italiana no Brasil é mais bem compreendido quando analisado sobre essa perspectiva de contato interétnico e surgimento de fronteiras identitárias entre os indivíduos, como podemos verificar nesta passagem

Situações de contato social entre pessoas de culturas diferentes também estão implicadas na manutenção da fronteira étnica: grupos étnicos persistem como unidades significativas apenas se implicarem marcadas diferenças no comportamento, isto é, diferenças culturais persistentes (Barth, 1997: p. 195).⁶

Outro aspecto importante para compreendermos o surgimento dessas fronteiras e o conseqüente grau de

afinidade da comunidade imigrante no Brasil é a característica da auto-atribuição ou da atribuição por outros a uma categoria étnica

Uma dicotomização dos outros como estrangeiros, como membros de outro grupo étnico, implica que se reconheçam limitações na compreensão comum, diferenças de critérios, de julgamento, de valor e de ação, e uma restrição da interação em setores de compreensão comum assumida e de interesse mútuo (Ibid, 1997: p. 196).

Isso nos faz pensar que o próprio fato dos brasileiros rotularem os imigrantes provenientes da península itálica como sendo italianos, desconhecendo a sua grande variação regional, foi relevante para que estes mesmos imigrantes, aqui no Brasil, se vissem como pessoas de mesma procedência (península Itálica), redefinindo a identidade italiana dos mesmos.

Karl Monsma, ao abordar as relações entre italianos e brasileiros que aparecem nos processos crimes do interior de São Paulo no final do século XIX, chama a atenção para a maneira como o conflito podia mobilizar elementos étnicos em uma comunidade. Segundo ele,

a imigração produz novas situações de contato entre grupos, muitas das quais assumem uma identidade étnica pela primeira vez em consequência da imigração. Eles entram em contato com outras etnias, que os definem e tratam como coletividades distintas. Os imigrantes da península itálica tinham identidades regionais mais fortes que a identidade nacional, mas no Brasil todos eram tratados como italianos, o que acabou reforçando a identidade italiana. (...) Parece que o tratamento de todos como “italianos” pelos brasileiros (e por outras nacionalidades) rapidamente produziu uma redefinição da fronteira étnica mais relevante, enfraquecendo a identidade regional e fortalecendo a identidade italiana (MONSMA, 2003: 03).

Pensando mais sobre o espaço de contato interétnico que se abre no decorrer dos autos criminais, podemos perceber que a Justiça, ao mediar o conflito era mais um espaço que conferia dinamicidade à questão das fronteiras étnicas. Ela proporcionava certa dinamicidade à fronteira entre indivíduos de diferentes procedências étnicas, na medida em que, colocava em contraste as diversidades nacionais e contribuía para diluir as diferenças regionais.

Como nos atesta Roberto Cardoso, o jogo dialético entre semelhança e diferença é um dos elementos para a consolidação do sentimento de identidade (Oliveira, 1976: p. 36). A justiça, dentro desta visão é um dos campos onde se desenvolveu tal jogo. Ela foi mais um espaço que propiciou o surgimento daquilo que a antropologia chama de “*identidade contrastiva*”.

Contudo, como os imigrantes provenientes da península itálica, chegaram ao Brasil com uma identidade regional e aos poucos assumiram a identidade nacional?

A antropóloga Manuela Carneiro, na obra *Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África* nos faz refletir o quanto a identidade é uma construção constantemente modificada de acordo com as situações:

O que se ganhou com os estudos da etnicidade foi a noção clara de que a identidade é construída de forma situacional e contrastiva, ou seja, que ela constituiu resposta política a uma conjuntura, resposta articulada com as outras identidades em jogo, com as quais formam um sistema. É uma estratégia de diferenças (Cunha, 1985: p. 206).

Pode ser que os assaltantes do doutor Lebon, no contexto do crime não se vissem como italianos. Afinal, a maioria fugiu não presenciando os devidos julgamentos. Todavia, com o tempo, eles acabariam por assumir a identidade italiana, pelo simples fato, de que, a interação social proporciona o contraste étnico, seja em Juiz de Fora, seja no resto do Brasil. O que tem em comum os dois crimes relatados? Embora no primeiro crime apareça uma identidade italiana, e no segundo crime uma identidade enquanto indivíduos provenientes da Calábria, a justiça foi para os dois casos um espaço de reafirmação e reconstrução da identidade italiana.

Antes que esqueçamos, vale a pena contar o desfecho do processo. Salvador Rezutti foi absolvido pelo júri de sentença. Já Francisco Jaccine foi condenado no grau máximo do artigo 271 do código criminal a pena de galês perpétua, mais as custas do processo e 12% sobre o valor do dinheiro roubado. Porém, ficar preso sobre pena de trabalho perpétuo era algo impensado para o italiano Francisco Jaccine, que não tinha vocação para Sísifo. Na primeira oportunidade, Jaccine distraiu

a escolta que o acompanhava e fugiu pelas terras de Minas Gerais.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre os espaços de redefinição das identidades étnicas dos imigrantes que chegaram ao Brasil, no final do século XIX e início do século XX, é de grande importância para a historiografia. Todavia, quando pretendemos desenvolver tais estudos com o grupo de imigrantes italianos, devemos ter um cuidado muito grande. Como demonstramos, os indivíduos que saíram da Itália não comungavam plenamente sua identidade nacional italiana, visto que a península itálica foi uma das últimas nações européias a se unificar. Tal fato implica que, ao trabalharmos a identidade étnica destes indivíduos no Brasil, temos de ter consciência de que nem todos os imigrantes consideravam-se italianos. A identidade regional era um obstáculo para a identidade nacional italiana.

Na Itália, o Estado desenvolveu todo um aparato para se forjar os novos italianos, diluindo suas diferenças regionais em prol da Nação unificada. No Brasil, a Identidade Italiana se constrói, para aqueles que vieram

comungando uma identidade regional, e se reconstrói, para aqueles que já se consideravam italianos, a partir de outros elementos.

É interessante o uso de processos criminais, nesses casos, pois podemos chegar ao cotidiano destes indivíduos e perceber em que momentos eles acionavam sua identidade étnica. Além disso, ao lermos estes autos crimes, notamos que a Justiça foi mais um espaço de ressignificação da etnicidade, na medida em que, ela desconsiderava as identidades regionais denominando a todos como italianos.

Em suma, o que não podemos perder de vista, é que, o processo de ressignificação da identidade italiana é dinâmico, como nos mostrou a antropologia e não está circunscrito apenas ao espaço que se abre na Justiça ao mediar o conflito. Foram vários os espaços que faziam emergir as fronteiras étnicas, e a Justiça era apenas mais um.

Abstract

The aim of this paper is to think that the spaces of redefining the ethnic identity of Italian immigrants in Brazil from the late nineteenth and early twentieth century. To support this objective proposed we used a bibliographic

literature and chose two criminal cases involving Italian immigrants, in order to show how the strategies, set out by the inclusion of these individuals, redefined their identities out of their home communities. Another aspect that we also want to highlight is that, through the criminal case analyzed, we realized that justice, to mediate the conflict, presented itself as another area of redefining the identity of the Italian individuals, on the prospect that it highlighted the boundaries between the involved ones, thus confirming the emergence of an Italian identity in Brazil.

Key-words: ethnic identity; Italian immigrants; conflict

FONTES MANUSCRITAS

Acervo Criminal das cidades de Oliveira e Queluz de Minas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. org POUTIGNAT, Philippe e STREIFF - FENART, Jocelyne. Teorias da Etnicidade. São Paulo. Copyright, 1997.

BERTONHA, João Fábio. Os Italianos. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (org.). Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHALHOUB, Sidney. Trabalho, Lar e Botequim, o cotidiano dos trabalhadores

no Rio de Janeiro da belle époque. Segunda Edição. Editora da Unicamp. São Paulo, Campinas: 2001.

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. 2 Edição. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Manoela Carneiro da. "Etnicidade: Da Cultura Residual mas Irredutível". In: Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CUNHA, Manoela Carneiro da. Negros Estrangeiros: Os Escravos Libertos e sua Volta à África. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FURLANETTO, Patrícia Gomes. O associativismo como estratégia de inserção social: As práticas sócio-culturais do mutualismo imigrante italiano em Ribeirão Preto (1895 – 1920). Tese de Doutorado, USP: São Paulo, 2007.

HOBSBAWN, Eric. Nações e nacionalismo desde 1780. RJ: Paz e Terra, 1990.

MONSMA, Karl. Histórias de Violência: processos Criminais e conflitos interétnicos. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho "Migrações Internacionais", XXIV Encontro Anual da ANPOCS. Petrópolis, 2000.

MONSMA, Karl; TRUZZI, Oswaldo e Silvano da Conceição. Solidariedade étnica, poder local e banditismo: uma quadrilha calabresa no Oeste Paulista, 1895 – 1898. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 18, n° 53. 2003.

MONTEIRO, Norma de Góes. Imigração e Colonização em Minas

1889 – 1930. Editora Itatiaia. Belo Horizonte: 1994.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade, etnia e estrutura social. Livraria Pioneira editora, São Paulo: 1976.

REVEL, Jacques. Microanálise e Construção do Social. In: REVEL, Jacques. Jogos de Escalas: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

NOTAS

¹ De 1870 até 1970, o Brasil recebeu cerca de 1,5 milhões de italianos. Ver: BERTONHA, João F. A Imigração Italiana no Brasil. Apud: AUDENINO, Patrizia e CORTI, Paola. *L'emigrazione italiana*. Milano: Fênice 2000, 1994: p. 22.

² Processo Criminal do acervo do fórum de Oliveira, Caixa 25, registro nº 582.

³ A documentação criminal proveniente da antiga cidade de Queluz se encontra provisoriamente no Laboratório de Conservação e Pesquisa Documental da Universidade Federal de São João del Rei para serem higienizados, lidos, microfilmados e disponibilizadas na Internet por meio de banco de dados. Contudo, esse trabalho ainda não terminou o que dificulta mapear os possíveis crimes cometidos pelos italianos provenientes da Calábria.

⁴ Grifo nosso.

⁵ Podemos entender esta autodenominação “calabreses” como consequência do fato da península itálica ter-se unificado próximo a esse contexto de imigração, mostrando como as identidades regionais ainda estavam presentes na Itália, aspecto visto anteriormente.

⁶ Este trecho foi retirado da Parte II do Livro “Teorias da Etnicidade” que o antropólogo Fredrik Barth escreveu. Esse livro foi escrito e organizado pelos autores Philippe Poutignat e Jocelyne Striff – Fernart e apenas a segunda parte foi escrita pelo antropólogo Fredrik Barth. (Poutignat, e Streiff - Fenart, 1997).